



Ano I Nº 289
17 de Julho de 2008
Índice

O trabalho precário atinge a todos nós	01
Montadoras dos EUA: crise é a chance de ampliar redes de trabalhadores	02
GM ainda não sabe quantos vai demitir	02
Biocombustíveis: Espanha culpa as petroleiras pela campanha	03
OCDE critica apoios públicos aos biocombustíveis	04

INTERNACIONAL

O trabalho precário atinge a todos nós

O Dia 7 de Outubro será um Dia Mundial de Luta contra o Trabalho Precário, organizado pela FITIM, pela Confederação Sindical das Américas (CSA), pela Confederação Sindical Mundial (CSI) e pelas outras federações mundiais.



A globalização não transforma apenas a maneira de fazer, comprar e vender. Ela também atinge as pessoas. As empresas multinacionais querem trabalhadores baratos e flexíveis, e por isso passaram do emprego seguro para o emprego inseguro, transformando todos os empregos em “precários”.

O trabalho precário é ruim para todos os trabalhadores. Ele cria uma força de trabalho de baixo custo que rebaixa os salários de todos. Ele aumenta a diferença entre ricos e pobres e amplia as práticas desleais que desfavorecem tanto as mulheres quanto os trabalhadores jovens e migrantes.

Os sindicatos negociam bons empregos. Mobilizam-se no mundo todo, organizam-se e negociam em prol de um trabalho melhor e mais seguro. Isso quer dizer opor-se às artimanhas jurídicas e políticas que permitem que o trabalho precário prospere. E é preciso mobilizar-se mundialmente e agir contra o trabalho precário.

“O trabalho precário atinge a todos nós” é uma campanha sindical mundial para deter o aumento do emprego precário e reconquistar poder e justiça para a classe trabalhadora.

De 30 de setembro a 7 de outubro deste ano haverá uma ampla mobilização mundial, não apenas dos sindicatos metalúrgicos e da FITIM, mas de todos os trabalhadores e sindicatos contra o trabalho precário.

A FITIM lançou uma página na internet para difundir a campanha “O trabalho precário atinge a todos nós”

Na pesquisa que a FITIM realizou, nove de dez sindicatos filiados informaram um aumento do trabalho precário em suas bases nos últimos anos.

O Dia 7 de Outubro será um Dia Mundial de Luta contra o trabalho Precário da FITIM, da Confederação Sindical das Américas (CSA), da Confederação Sindical Mundial (CSI) e das outras federações mundiais.

Na **página da FITIM** da campanha você vai encontrar materiais informativos, informações de atividades dos sindicatos metalúrgicos e toda a informação sobre a campanha. A página está em espanhol, e a página da CNM também irá trazendo até lá mais informação sobre a campanha.

A intensificação da luta mundial contra o trabalho precário foi decidida na reunião do Comitê Central da FITIM que realizou em novembro do ano passado em Salvador, Bahia. No final do encontro os metalúrgicos do mundo inteiro fizeram **uma passeata em Salvador** contra a precarização dos empregos.

Montadoras dos EUA: crise é a chance de ampliar redes de trabalhadores

Os trabalhadores nas montadoras de capital norte-americano devem ficar atentos com a situação das fábricas do setor nos Estados Unidos. O alerta é de Rafael Marques, vice-presidente eleito do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, para quem a situação de queda na produção pode vir a repercutir nas plantas da América do Sul.



"Um dos efeitos pode ser o aumento, por parte das filiais daqui, da emissão de remessas, o que reduziria os investimentos na região", afirmou.

Rafael enxerga nesta crise um ponto positivo, pois pela primeira vez o sindicalismo americano começa a ver com mais interesse as redes de relacionamentos internacionais, assim como já existem nas montadoras européias.

"No último encontro da Fitim (Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas), aqui no Brasil, percebemos a mudança de atitude dos companheiros. É claro que estamos dispostos a nos unir", comentou.

No ABC, a categoria já foi beneficiada por essa mobilização mundial, como no caso das fábricas da Volks e da Ford, que já estiveram para serem fechadas em planos de reestruturação.

Nos dois casos, a união e a luta dos companheiros possibilitaram uma negociação direta com a direção mundial das empresas e salvaram as fábricas e os empregos.

"Temos que continuar com o trabalho a todo vapor para manter os números de produção elevados e não deixar que os ventos da crise norte-americana soprem aqui também", alertou Rafael. (*Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 16.07.2008*)

GM ainda não sabe quantos vai demitir

General Motors (GM) anunciou nesta terça-feira (15) mais cortes de pessoal e novas medidas visando a lidar com a queda nas vendas nos Estados Unidos e a melhorar seu desempenho financeiro. O presidente executivo do grupo, Rick Wagoner, propôs medidas destinadas a obter US\$ 15 bilhões em liquidez para 2009, dos quais US\$ 10 bilhões por meio de cortes de gastos e o restante, em venda de ativos e captação de fundos no mercado.

As medidas desta terça-feira, junto com as anunciadas no início de junho (fechamento de quatro fábricas dedicadas aos grandes modelos, aumento da produção de modelos bem-sucedidos), implicarão "uma perda significativa no segundo trimestre", advertiu Wagoner, sem dar cifras.

Nos três últimos exercícios, a GM acumulou US\$ 51 bilhões em perdas. No primeiro trimestre, perdeu outros US\$ 3,2 bilhões. Entre os cortes de gastos, está incluída a redução de 20% nos salários, principalmente por meio da supressão de postos administrativos, que chegavam a 32 mil no ano passado.

"Não posso dar números de demissões hoje", disse o diretor operacional Fritz Henderson. A GM retomará a fórmula de demissões voluntárias, que lhe permitiu reduzir seu efetivo de 105 mil funcionários, em 2005, para 74 mil, no primeiro trimestre de 2008. Também suspenderá o pagamento de dividendos, suprimirá o bônus pago à diretoria e reduzirá seus investimentos em US\$ 1,5 bilhão, prevendo obter entre 2 bilhões e 4 bilhões, com a venda de ativos, e de 2 bilhões a 3 bilhões adicionais, por intermédio da captação de capitais no mercado. (*com informações das agências*)

Biocombustível

Espanha culpa as petroleiras pela campanha contra

Madri vai adotar 5% de biocombustíveis e nega que causem carestia dos alimentos; Bruxelas estuda a redução de sua meta

Rafael Méndez, em Madri

A Espanha uniu-se ao Brasil e aos EUA na batalha a favor dos biocombustíveis. Contra a enxurrada de críticas que acusam o álcool fabricado de milho ou açúcar de encarecer os alimentos - discurso assumido pelas ONGs, a Agência Européia do Meio Ambiente, o FMI e o Parlamento Europeu -, o governo espanhol afirma que não são a causa principal da fome e que tudo corresponde a "uma campanha das petroleiras, que vêem seus negócios ameaçados", disse o secretário de Estado do Meio Ambiente, Josep Puxeu.

"O petróleo encarece os alimentos, já que o plantio, a colheita e o transporte estão muito ligados ao preço dos alimentos, e mata de fome. Mas, todos atacam os biocombustíveis, que representam uma porcentagem muito pequena", afirma o número 2 do ministério.

Na Espanha, os biocombustíveis representam atualmente 1,9% dos combustíveis usados no transporte. A lei obriga a chegar a 5,83% até 2010, e caso prospere a diretiva europeia que está em tramitação deverá alcançar 10% em 2020. "Mantemos o objetivo legal e esperamos que Bruxelas mantenha os 10%", acrescenta Puxeu. Para isso, o governo espanhol prepara uma ordem ministerial - já enviou um rascunho para a Comissão Nacional de Energia - sobre como fazer a mistura, já que não será optativa, e sim incorporada aos combustíveis tradicionais. Assim, cada condutor abastecerá biodiesel ou etanol sem saber.

Esses biocombustíveis são obtidos do milho, da beterraba, da cana-de-açúcar ou de óleos usados e reduzem as emissões de gases do efeito estufa e a dependência do petróleo. Surgiram com uma grande esperança contra a mudança climática, mas no último ano receberam uma enxurrada de críticas e são acusados de causar o aumento do preço dos alimentos e assim de matar de fome milhões de pessoas.

O número de pessoas que passam fome no mundo aumentou 133 milhões em 2007, segundo o Departamento de Agricultura dos EUA, que afirma que 849 milhões de pessoas já sofrem com a escassez. O preço do arroz subiu 70% em um ano (desde maio está baixando), o do trigo duplicou e o do milho subiu 25% em dois meses.

Bruxelas vive uma guerra aberta que recrudescerá no outono, quando se prevê que estará aprovada a diretiva que define que, em 2020, 20% da energia da UE serão renováveis e que incluem a porcentagem de 10%.

A Agência Européia do Meio Ambiente considera que não está claro que os biocombustíveis atenuem o efeito estufa, mas sim que destroem as florestas tropicais. O Fundo Monetário Internacional afirma que são os principais culpados pela carestia dos alimentos. E com eles da fome. Diante desses dados, o Reino Unido, Holanda, França e Alemanha pediram para revisar a meta de 10% e o Parlamento Europeu, em uma votação não-obrigatória, pediu à comissão que reduza a porcentagem prevista para 2020.

Puxeu relativiza: "Os alimentos subiram principalmente devido à alta contínua do petróleo e porque nos últimos anos houve muitas colheitas ruins em grandes produtores como Austrália ou Ucrânia, e ao mesmo tempo outros países limitaram a exportação. Agora as colheitas estão se recuperando, mas com o custo energético os preços continuam altos. Por isso há gente que passa fome e diante disso é preciso aumentar a ajuda aos programas da ONU, como fez a Espanha", que na cúpula da FAO em Roma em junho anunciou uma contribuição de 500 milhões de euros a mais.

Ele acrescenta: "Embora seja verdade que nos EUA muito milho vai para a produção de etanol, a verdade é que a produção aumentou tanto quanto o que é destinado ao etanol". Quer dizer, segundo Puxeu, os biocombustíveis fazem que se cultivem áreas até agora improdutivas. Nos EUA um terço do milho já é destinado ao etanol.

A Espanha tem interesse em que a aposta dê certo. Duas das grandes empresas do setor são espanholas, Abengoa e Ebro Puleva. Além disso, o país importa 83% da energia que consome e os biocombustíveis são uma das poucas fontes autóctones. Por fim, permitem manter a agricultura e recuperar cultivos como a beterraba e o girassol e manter a população rural. A UE vai retirar as ajudas à produção de biocombustíveis.

O apoio expresso - até agora a tese era que era preciso estudar - veio depois de certa discussão interna. A ex-secretária de Estado de Cooperação Leire Pajín defendia que causam fome nos países pobres, e Jesús Caldera os citou como uma das causas da crise alimentar. Mas Miguel Sebastián, Elena Espinosa, a secretária de Estado de Mudança Climática, Teresa Ribera, e Puxeu impuseram sua tese.

Os defensores dos biocombustíveis afirmam que há alimentos, como o arroz, que encarecem, mas que não servem para fabricar biocombustíveis e que isso desmonta as críticas.

Os ecologistas, até há pouco partidários dos biocombustíveis, agora pedem que a meta seja reconsiderada. "Os apoiamos, mas se não representarem mais consumo de água e se forem produzidos perto de onde se consomem", explica Ladislao Martínez, da Ecologistas em Ação, que critica que a Espanha importe etanol dos EUA, porque assim a poupança de emissões é menor.

O que todos os especialistas crêem é que no futuro os biocombustíveis terão de proceder de algas ou de resíduos orgânicos, para não interferir na alimentação. Mas ainda estamos longe disso. *(Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves para UOL) (El País, 17.07.2008)*

OCDE critica apoios públicos aos biocombustíveis

Observação do Brasil Metal Internacional: *O relatório é crítico aos biocombustíveis, mas cabe notar que a OCDE reconheceu que o etanol brasileiro é mais eficiente do que o biocombustível feito de milho.*

O apoio estatal à produção de biocombustíveis "é caro, tem um efeito limitado na redução dos gases de efeito de estufa e no aumento da segurança energética, e tem um impacto significativo nos preços dos cereais em todo o mundo", diz o estudo apresentado esta quarta-feira pela OCDE.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico analisou as políticas que querem promover o uso de biocombustíveis nas próximas décadas e calcula que só nos EUA, UE e Canadá, a dependência dos apoios públicos para assegurar a viabilidade dos biocombustíveis irá custar 16 mil milhões de euros em 2015, enquanto em 2006 já custava 7 mil milhões. Este estudo diz também que os subsídios atribuídos fazem com que cada tonelada de carbono evitada pelos biocombustíveis custe entre 600 e 1070 euros, quando, no mercado, está a 26 euros.

O relatório da OCDE aconselha os governos a promoverem políticas para reduzir o consumo de energia, em particular no setor dos transportes. E que promovam também a investigação sobre a segunda geração de biocombustíveis, que não envolva o recurso a bens alimentares.

No que respeita à redução dos gases de efeito de estufa, o estudo diz que os ganhos com os biocombustíveis são muito limitados, sobretudo os usados nos EUA e na UE. Para a OCDE, a continuação destas políticas reduziria as emissões nos combustíveis utilizados para transporte em valores menores que 0,8% em 2015.

Quanto ao impacto dos biocombustíveis no preço dos bens alimentares nos próximos dez anos, com as atuais medidas de apoio estatal, a OCDE calcula um aumento de 5% no preço do trigo, 7% no milho e 19% nos óleos alimentares.

Veja aqui o estudo da OCDE (pdf) (inglês)